

OS RESTOS DE GRANDES MAMÍFEROS DO POVOADO NEOLÍTICO DA IGREJA DE S. JORGE (Vila Verde de Ficalho)

João Luís Cardoso*

1 - Introdução

Aspecto Metodológicos

Foi-nos confiado para estudo, pelo Eng.º A. M. Monge Soares, um conjunto faunístico por ele recolhido, em 1991, junto à igreja velha de S. Jorge, em Vila Verde de Ficalho, concelho de Serpa.

As condições de jazida de tais materiais (SOARES, neste volume), correspondem à base do enchimento de uma estrutura escavada na rocha calcária, com cerca de 1,20 m de profundidade, que constitui o substrato geológico local. A respectiva estratigrafia é a seguinte, de cima para baixo:

C.1 - calçada actual da zona de acesso ao museu e às ruínas;

C.2 - terra castanha, solta, com enterramentos dos séculos XIX e XX, que assentava, em grande extensão, sobre a rocha virgem;

C.3 - terra castanho-acinzentada, compacta, com materiais romanos (séculos I a III d. C.). Sobre esta camada assentava o muro A do anexo Oeste de sepulturas da basílica paleocristã;

C.4 - terra castanho-avermelhada, muito compacta, com muito espólio exclusivamente neolítico. A C.4a distingue-se da camada que a sobrepõe pela sua cor mais clara e pela escassez do espólio;

C.5 - substrato geológico (brecha calcária).

Embora a exiguidade da área escavada não seja concludente quanto à natureza e função da estrutura, o facto de esta se desenvolver na periferia da plataforma leva o escavador a aceitar a hipótese de um fosso, que circundaria o povoado.

A tipologia das cerâmicas, onde avulta a taça carenada e os esféricos ou hemisféricos, com mamilos junto ao bordo, acompanhando machados de talão picotado e secção circular, sugere o Neolítico final, donde estão ausentes quaisquer elementos característicos do Calcolítico do Sudoeste.

O perfil estratigráfico correspondente ao corte

descrito encontra-se representado noutra lugar (SOARES, neste volume).

2 - Inventário dos Materiais

Os restos faunísticos a seguir inventariados provêm exclusivamente da C.4, atribuível ao Neolítico final. Consideraram-se duas sub-unidades estratigráficas principais:

a C.4a, correspondendo à base do enchimento; os níveis 1, 2 e 3 da C.4 (s.s.), definidos artificialmente no decurso da escavação, do mais moderno para o mais antigo.

Em consequência, embora no presente trabalho se tenham respeitado as aludidas sub-divisões, podemos admitir uma homogeneidade global de todo o conjunto.

Como em trabalhos anteriores (CARDOSO, 1993a, b, c), as conclusões basearam-se no número total de restos classificáveis (NTR). Não considerámos vantajoso o cálculo do número mínimo de indivíduos (NMI), neste como em outros conjuntos já estudados, por duas ordens principais de razões:

por um lado, demonstrou-se que o número total de restos (NTR) é proporcional ao número real original de indivíduos, o que não acontece com o valor calculado para o número mínimo de indivíduos (NMI) (Ducos, *in* DELPECH, 1973);

por outro lado, em contextos antrópicos, correspondendo as percentagens dos restos faunísticos determináveis a uma larga minoria dos materiais primitivamente acumulados, aquele cálculo é erróneo, pois a probabilidade, de peças diferentes do esqueleto da mesma espécie pertencerem a um único animal é remota. Acresce ainda o facto de, numa escavação, a recuperação dos restos não ser total, até por esta usualmente não atingir toda a área da jazida.

As dimensões apresentadas neste trabalho são em mm. No caso dos dentes de bovinos e de ovinos e caprinos, tomaram-se as dimensões na base da coroa, pelo facto destas variarem com o grau de abrasão dentária. No caso do suídeos, consideraram-se as dimensões máximas, como o preconizado por outros (GUÉRIN & FAURE, 1983). As

* - Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa.

convenções adoptadas no texto foram as seguintes:

L - comprimento

H - altura

DT - diâmetro transversal

DAP - diâmetro ântero-posterior

DMD - diâmetro méso-distal

DVL - diâmetro vestibulo-lingual

NÍVEL 1

Ordem - Artiodactyla Owen, 1848

Família - Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758 (cabra)

Ovis aries L., 1758 (ovelha)

* 1ª. falange completa, com vestígios de fogo.

Dimensões: L - 42,5; DTproximal - 12,5; DT diáfise - 9,5; DT distal - 11,5.

* extremidade de 1ª. falange, correspondendo a um dos côndilos da articulação distal, com vestígios de fogo.

* esquírola de osso longo, sem vestígios de fogo.

Ordem - Lagomorpha

Família - Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758 (coelho)

* extremidade proximal de 5º metatársico esquerdo, com indícios de fogo.

Restos indeterminados

* vinte esquírolas diversas, dezanove das quais com vestígios de fogo.

NÍVEL 2

Ordem - Artiodactyla Owen, 1848

Família - Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758 (boi)

* extremidade articular do ramo montante esquerdo da hemimandíbula direita, com vestígios de fogo.

Capra hircus L., 1758 (ovelha)

Ovis aries L., 1758 (cabra)

* porção de hemimandíbula direita, conservando o M/2 e parte do alvéolo do M/3. Intenso estalamento do M/2, muito incompleto, devido ao fogo.

Família - Suidae Gray, 1821

Sus sp., L., 1758 (javali ou porco)

* extremidade articular distal de 2º metacárpico direito de

indivíduo juvenil, com a ligação à diáfise ainda por soldar. Vestígios de fogo.

Ordem - Perissodactyla Owen, 1848

Família - Equidae Gray, 1821

Equus sp., L., 1758 (equídeo indeterminado)

* 2ª. falange quase completa, com vestígios de fogo.

Comprimento máximo - 43,5

Comprimento anterior - 33,0

Largura mínima - 35,0

Largura máxima proximal - 44,5

Espessura máxima proximal - 29,0

Largura máxima distal - 38,0

Ordem - Lagomorpha

Família - Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758 (coelho)

* metade distal de metápode, com vestígios de fogo.

* metade distal de 1ª. falange, com vestígios de fogo.

* porção de osso longo, com vestígios de fogo.

Restos indeterminados

* cento e doze esquírolas diversas, das quais cem com vestígios de fogo; são as maiores que menos evidenciam tal acção.

NÍVEL 3

Ordem - Artiodactyla Owen, 1848

Família - Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758 (boi)

* M/3 direito, com desgaste médio. Dente anómalo, com falta do lobo distal, substituído por uma pequena prega ou bainha. DMD - 31,0; DVL - 15,0.

Capra hircus L., 1758 (cabra)

Ovis aries L., 1758 (ovelha)

* P\2 direito, com desgaste médio. DMD - 12,5; DVL - 13,0.

* P\3 direito, sem vestígios de uso. DMD - (20,5); DVL - 12,5.

* fragmento do ramo ascendente de hemimandíbula direita, muito incompleto, estalado e com vestígios de fogo.

* fragmento de hemimandíbula esquerda de juvenil, conservando parte do diastema, os D/2 e D/3 e os dois primeiros lobos do D/4. Evidencia-se estalamento pelo fogo em todo o osso mandibular.

* fragmento de hemimandíbula direita, conservando parte do diastema e do P/3 e o P/4. Dimensões deste último - DMD - 8,5; DVL - 6,2.

* porção de hemimandíbula direita com o M/1 e o M/2. O primeiro mostra desgaste fraco, ainda menos acentuado no segundo, que evidencia acentuado estalamento do esmalte

pelo fogo.

Dimensões do M/1 - DMD - 10,0; DVL - 6,5; dimensões do M/2 - dmd 14,0; DVL - 7,0.

* diáfise de metatársico, com marcas de roedura, mas sem indícios de fogo.

* diáfise de humero, com marcas de roedura, mas sem indícios de fogo.

* porção longitudinal de diáfise de tibia.

Família - Suidae Gray, 1821

Sus sp., L., 1758 (javali e/ou porco)

* dois primeiros incisivos superiores, de lados opostos, com desgaste acentuado.

* um segundo incisivo superior esquerdo, desprovido de desgaste.

* um canino superior direito, de indivíduo feminino, com desgaste acentuado.

* fragmento de osso pré-maxilar direito, de juvenil.

* fragmento de osso maxilar esquerdo, com P3 e P4, ambos possuindo desgaste acentuado.

Dimensões do P3 - DMD - 13,0; DVL - 10,0

Dimensões do P4 - DMD - 13,0; DVL - 13,0

* fragmento de osso maxilar esquerdo, com P3 muito incompleto e P4 deslocado lateralmente, ambos sem sinais de uso e muito estalados pelo fogo.

Dimensões do P4 - DMD - 13,2; DVL - 11,5.

* dois incisivos inferiores, muito incompletos, fracturados longitudinalmente por acção do fogo.

* extremidade distal (talão) de M/3, muito incompleta. O seu desenvolvimento sugere o javali.

* duas vértebras, sendo uma cervical e outra dorsal.

Restos indeterminados

* cento e quinze esquirolas, das quais apenas catorze com marcas evidentes de fogo. Raramente ostentam roeduras. É, outrossim, evidente a fracturação longitudinal para a obtenção de medula. A maior parte pertencem a ovinos e/ou caprinos, exceptuando-se as sete maiores, talvez de suínos.

NÍVEL 4a

Ordem - Artiodactyla Owen, 1848

Família - Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758 (veado)

* Metade lateral de extremidade distal de tibia direita.

Dimensões - DAP distal - 32,5

* astrágalo esquerdo.

Dimensões - H lateral - 47,5; H mesial - 46,5; H mínimo - 39,0; DT proximal - 31,5; DT distal - 30,5; DAP lateral - 26,0; DAP mesial - 28,0.

Família Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758 (cabra)

Ovis aries L., 1758 (ovelha)

* M2 direito. Esmalte intensamente estalado pelo fogo, impossibilitando medição.

* fragmentos de esmalte de dois dentes, não identificáveis.

Restos indeterminados

* dezassete esquirolas indeterminadas.

3 - Discussão e Conclusões

3.1 - Ao nível paleontológico

Capra hircus - Ovis aries - é tradicional a dificuldade de separação dos restos ósseos dos dois géneros. Os materiais observados no presente trabalho confirmam tal dificuldade, acrescida por não estarem representadas peças em estado de promoverem tal finalidade.

Sus - a falta de elementos mais numerosos impede de considerarmos separadamente o javali do porco doméstico. A presença do primeiro sem excluir a do segundo - é, contudo, indicada, pela biometria dos escassos elementos dentários, idêntica à do javali de contextos mesolíticos do vale do Tejo (Muge) e do litoral alentejano (Vidigal).

Equus - a presença de um equídeo, encontra-se apenas documentada por uma segunda falange, resto demasiado incaracterístico, cujo elevado intervalo de variação biométrico intra-específico, não permite a determinação específica.

A presença de um equídeo neste contexto é interessante, a vários títulos. Após a abundância verificada na Europa, extensiva a Portugal, no final do Plistocénico (CARDOSO, 1993 d), o cavalo (Equus caballus) quase desapareceu, no pós-glaciário. No território português, tal rarefacção foi também notória, como bem mostram os escassos restos recolhidos nos concheiros dos vales do Tejo (COSTA, 1865) e Sado (ARNAUD, 1987), além das escassas representações rupestres coevas (GOMES & CARDOSO, 1989).

Tal raridade prolongou-se pelo Calcolítico, o que é indicado pela quase nula representação da espécie em contextos domésticos, facto em parte também devido à natural dificuldade da sua captura. Uma das evidências mais expressivas da sua presença consiste no aproveitamento, no Centro/Sul de Portugal, das primeiras falanges, para ídolos, mercê da sua forma acentuadamente antropomórfica: trata-se dos conhecidos "ídolos-falange", onde pontifica a representação da deusa-mãe calcolítica (SANTOS et. al., 1991).

Além do cavalo, é provável que outros equídeos não-cabalinos, ainda mais raros, se mantivessem no nosso território, desde o final do Plistocénico, no estado selvagem. Tal pressuposto é indicado por numerosos testemunhos toponímicos (Vale de Zebro, Zebreira, etc.), sendo também referido em documentos medievais, como no foral de Almodôvar, de 1285 (COELHO, 1987) ou na Lei de

Almotaçaria de Afonso III, de 1253, além da referência isolada a *Equus asinus* (burro), no Calcolítico (PAÇO, 1958). Porém, persiste a indefinição quanto ao verdadeiro estatuto deste equídeo, por hipótese asinino. Tratar-se-á do onagro, ou burro selvagem, *Equus hemionus onager*, ou dos derradeiros descendentes de outro asinino, *Equus hydruntinus*, que se crê extinto desde o início do pos-glaciário mas que, na parte meridional da Península Ibérica subsistiu até, pelo menos, o Neolítico (UERPMANN, 1976)? O único resto recolhido em Ficalho não é concludente para o esclarecimento desta questão. Com efeito, embora o seu tamanho seja menor do que qualquer dos seus homólogos de *Equus caballus* do Wurm recente (CARDOSO & EISENMANN, 1989), é maior do que qualquer dos exemplares de *E. hydruntinus* compulsados (BONIFAY, 1964, 1976, 1991; CLOT, 1986). Apenas o maior exemplar referido para esta espécie, da gruta de Fontéchevade (PRAT, 1968), com um comprimento máximo de 45,0 mm, ultrapassa em tamanho o de Ficalho. Em consequência, mantém-se a incerteza quanto à existência de um asinino selvagem no nosso território, em época pós-paleolítica, e ainda mais quanto à sua posição sistemática.

3.2 - Ao nível paleoecológico

A escassa amostragem disponível impede conclusões de carácter paleoecológico acerca da região circundante, aliás objectivo à partida dificultado atendendo à decisiva influência humana no espectro faunístico. Com efeito, seriam domesticadas determinadas espécies em detrimento de outras, consoante o seu maior ou menor interesse, reflectindo, assim, a organização social e económica da respectiva comunidade. Com efeito, o grau de sedentarização, bem como a estrutura social e económica de dada população encontra-se expresso, também, na natureza das espécies domésticas que constituíam as suas bases de subsistência. Tal situação é extensiva também à fauna caçada, sendo procuradas as espécies que maior interesse se revestiam na alimentação ou outras - peles, adornos, lã. Praticar-se-ia, portanto, uma caça selectiva, na estreita dependência das necessidades colectivas, exprimindo o respectivo espectro faunístico a realidade económico-social da própria comunidade.

Tendo presentes tais limitações, agravadas pela deficiente amostragem, pode, ainda assim, entrever-se, a existência de biótopo idêntico ao actualmente existente na zona.

3.3 - Ao nível arqueológico e arqueozoológico

Os escassos 53 restos determinados distribuem-se pelos seguintes taxa:

faltam Quadro

Na quantificação dos restos, considerámos todos os elementos identificados individualmente; por exemplo, um resto constituído por fragmento do osso maxilar, com dois dentes inclusos, foi contabilizado três vezes. Desta forma, julgamos poder eliminar uma variável aleatória,

essencialmente antrópica - o grau de fracturação - obviamente independente do número de indivíduos de cada espécie consumidos originalmente.

O conjunto, visto globalmente, pode ser considerado homogéneo. Evidencia-se a importância das espécies caçadas, idêntica à das domésticas nas bases de subsistência de origem animal, em termos de proteínas consumidas. Com efeito, o pequeno boi doméstico neolítico equivaleria, quanto ao peso da carne fornecida, ao veado, ambos representados por dois restos; da mesma forma, os suídeos, representados por dezassete restos (sempre que a determinação específica foi obtida trata-se de javali) teriam importância idêntica aos ovinos e caprinos (vinte e seis restos), havendo ainda a considerar a presença, dentre as espécies selvagens, do equídeo e do coelho.

A relação espécies domésticas - espécies caçadas, sugere uma comunidade ainda pouco fixada ao território, cujas bases de subsistência se baseariam, essencialmente, na actividade cinegética e no pastoreio de ovinos e caprinos.

Globalmente, evidencia-se maior incidência de restos incarbonizados nos níveis 1 e 2, o que sugere recorrência a grelhados e churrascos mais frequente, extensivos aos únicos restos de boi, de suídeo e de equídeo ali encontrados; outra hipótese seria a da existência de um incêndio generalizado que tivesse actuado especialmente os materiais, mais superficiais, daquelas duas camadas, possibilidade não dispicienda, atendendo à intensidade generalizada de tais marcas, muito para além das usualmente observadas em contextos idênticos.

Por outro lado, se bem que as acções térmicas possam conduzir à fracturação dos ossos, a grande quantidade de esquirolas relaciona-se com a preparação de cozidos, única técnica culinária que permitiria o aproveitamento adequado da medula óssea, tal como o observado em outros contextos arqueológicos.

São muito raros vestígios de corte; porém, numerosos ossos ostentam marcas punctiformes, atribuíveis aos caninos de cães, cuja presença, justificada para a guarda de rebanhos fica, deste modo, indirectamente atestada.

Enfim, o estudo arqueozoológico deste primeiro conjunto faunístico do final do Neolítico baixo-alentejano, abre perspectivas que merecem desenvolvimento, no quadro da caracterização das transformações económico-sociais, na transição do Neolítico para o Calcolítico do Sudoeste peninsular.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M., 1987, Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e Sado: semelhanças e diferenças, in *Arqueologia*, 15, pp. 53-64.
- BONIFAY, M.-F., 1964, L'*Equus hydruntinus* de la Baume-Rousse (Lozère), in *L'Anthropologie*, 68 (3/4), pp. 387-396.
- BONIFAY, M.-F., 1976, La faune des niveaux inférieurs de l'abri Cornille à Istres (Bouches-du-Rhône), in *Congrès Préhistorique de France, XXème. Session (Provence, 1974)*, pp. 228-247.

- CARDOSO, J. L., 1993a, **Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves)**, in *Estudos Orientais*, 4, pp. 109-126.
- CARDOSO, J. L., 1993b, **Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar)**, in *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 103-107.
- CARDOSO, J. L., 1993c, **Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana.**, in Silva, C. Tavares da e Soares, J. (eds.) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza, pp. 205-215.
- CARDOSO, J. L., 1993d, **Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa. Câmara Municipal de Oeiras**, 567 p.
- CARDOSO, J. L. & EISENMANN, V., 1989, *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal, in *Palaeovertebrata*, Montpellier, 19 (2), pp. 47-72.
- CLOT, A., 1986, *Equus hydruntinus Regalia (Equidae, Perissodactyla) magdalénien de Lortet (Hautes-Pyrénées)*, in *Bull. Soc. Anthropol. SO*, 21 (3): 143-151.
- COELHO, J. M. A., 1987, *Foral de Almodôvar*, 2ª. edição. Câmara Municipal de Almodôvar.
- COSTA, F. A. Pereira da, 1865, *Da existência do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa, Comissão Geológica de Portugal, 40 p.
- DELPECH, F., 1973, **Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique**, in *Bull. Soc. Préhist. Franc.*, 70, pp. 187-189.
- GOMES, M. Varela & CARDOSO, J. L., 1989, **A mais antiga representação de Equus do vale do Tejo**, in *Almansor*, 7, pp. 167-209.
- PAÇO, A. do, 1958, **A póvoa eneolítica de Vola Nova de S. Pedro. X - Campanha de escavações de 1956 (20ª.)** (aditamento: campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 - 16ª., 17ª., e 18ª.), in *Anais da Academia Portuguesa da História, Série 3*, 8, pp. 43-91.
- PRAT, F., 1968, **Recherches sur les Équidés pléistocènes en France. Thèse de doctorat d'État ès Sciences Naturelles. Bordeaux**, n°. 226, policopiada.
- SANTOS, M. Farinha dos; GOMES, M. Varela & CARDOSO, J. L., 1991, **Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)**, in *Almansor*, 9, pp. 75-94.
- SOARES, A. M. Monge (neste volume), **Descoberta de um povoado do Neolítico junto à igreja velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares.**
- UERPMANN, H.-P., 1976, *Equus (Equus) caballus und Equus (Asinus) hydruntinus im Postpleistozan der Iberischen Halbinsel (Perissodactyla, Mammalia)*, in *Saugetierkundliche Mitteilungen*, Munchen 40, 24 jhg., Heft 3: 206-218.

	<i>Cervus elaphus</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Capra hircus</i> <i>Ovis aries</i>	<i>Sus</i>	<i>Equus</i>	<i>Oryctolacus cuniculus</i>
NÍVEL 1	-	-	3	-	-	1
NÍVEL 2	-	1	2	1	1	3
NÍVEL 3	-	1	16	16	-	-
NÍVEL 4a	2	-	5	-	-	-
TOTAL	2	2	26	17	1	4